

## IA Generativas e memória coletiva

As ferramentas de IA generativas oferecem um potencial significativo para auxiliar a memória coletiva, tanto no que diz respeito à preservação quanto à disseminação de conteúdos culturais e históricos. Para entender como isso ocorre, é fundamental refletir sobre a natureza da memória coletiva e as formas como a IA pode interagir com ela.



Conceitualmente, quando se fala em memória, Halbwachs (2006) exalta a conexão existente entre memória individual e memória coletiva. O fato de que invariavelmente nunca estamos sós, mesmo quando outros não estão fisicamente presentes, corrobora para fortalecer a tese de que nossas memórias são constituídas a partir de enunciados que outros proferiram e que nos influenciam na construção das mesmas. Há um reforço da coesão social, não por imposição, mas sim por adesão afetiva a determinado grupo.

A memória coletiva pode ser compreendida como o conjunto de lembranças, narrativas, símbolos e experiências compartilhadas por um grupo social, que se expressam através de tradições, mitos, relatos históricos e práticas culturais. Essa memória é fundamental para a identidade de uma sociedade, pois oferece uma base para as gerações futuras compreenderem o passado e, a partir disso, construir o presente e o futuro.

Para Michael Pollack (1989), a memória é uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”. Voltando a Halbwachs, há que se distinguir a memória coletiva da memória histórica. Neste caso, há um grande contraste devido ao fato de uma delas ser interior, de dentro, uma memória pessoal, que se mescla à memória coletiva e a outra seria uma memória social. Mais precisamente, podemos categorizar como uma memória autobiográfica (história de nossas vidas, apoiada em experiências vividas) e uma

memória histórica (história geral, apoiada em experiências aprendidas). Halbwachs (2006, p. 39) defende a tese de que é necessário que “existam muitos pontos de contato” e concordância entre a memória de um indivíduo e as outras memórias (coletividade) para que a lembrança a ser recordada “venha a ser reconstruída sobre uma base comum”.

Com esse estratagema da apresentação de dados ou noções que sejam comuns a determinado grupo de pessoas é possível reconhecer e reconstruir uma lembrança sobre uma base comum que esteja no espírito de cada um, individualmente, mas também no do outro que compartilha dessa memória. Esse fato traz uma identificação com a história apresentada e corrobora aquela representação do passado como sendo real. É a conjunção, para usar as palavras de Ricoeur (2007) entre “estimulação (externa) e semelhança (interna)” que se traduz no ponto crucial de toda problemática da memória.

Ricoeur (2007) corrobora a tese de Halbwachs ao falar da polaridade, reflexividade e mundanidade, quando enfatiza que quaisquer lembranças que temos de nós, sejam experimentando, aprendendo ou vendo, nós as temos inseridas nas situações do mundo, juntamente com outras pessoas, as quais vimos, experimentamos e aprendemos. Assim, as lembranças estão “intrinsecamente associadas a lugares” e às pessoas que também partilharam dessa memória.

Nesse contexto, a IA generativa pode atuar de diversas maneiras:

1. **Preservação e Digitalização de Conteúdos Culturais:** Ferramentas de IA, como algoritmos de reconhecimento de imagem, análise de texto e síntese de áudio, são capazes de preservar e digitalizar vastos acervos culturais, históricos e científicos. Arquivos de áudio e vídeo, fotografias antigas, documentos escritos e até mesmo objetos culturais podem ser digitalizados e processados de maneira eficiente, garantindo que a memória de diversas culturas e épocas seja preservada para gerações futuras. Isso é especialmente relevante para culturas em risco de desaparecimento ou que não têm acesso a métodos tradicionais de preservação.

2. **Reconstituição e Amplificação de Narrativas:** A IA generativa pode também ajudar a



reconstituir e até mesmo ampliar narrativas que talvez não fossem suficientemente documentadas no passado. Por exemplo, ao analisar grandes volumes de textos históricos ou relatos orais, as ferramentas de IA podem identificar padrões e criar novas versões de histórias esquecidas ou marginalizadas. Isso pode ser útil, por exemplo, para dar visibilidade a histórias de comunidades indígenas, mulheres ou outras populações cujas perspectivas históricas foram sistematicamente

ignoradas. Interação Dinâmica com o Passado: A IA generativa, especialmente em áreas como

chatbots ou assistentes virtuais, pode permitir que as pessoas interajam de maneira dinâmica com a memória coletiva. Imagine um sistema que, ao ser consultado, traz à tona informações históricas e culturais de forma fluida, respondendo a perguntas e oferecendo contextos mais amplos sobre determinado evento ou personagem histórico. Essa interação pode facilitar a educação e o aprendizado, oferecendo uma abordagem mais personalizada e imersiva.

3. **Mediatização e Dispersão de Narrativas:** Ao gerar conteúdo novo (seja por meio de textos, imagens ou vídeos), as ferramentas de IA podem contribuir para uma maior disseminação de narrativas culturais e históricas. Plataformas digitais alimentadas por IA, como redes sociais e sites de distribuição de conteúdo, podem impulsionar a circulação dessas narrativas, criando novas formas de engajamento com a memória coletiva. A IA pode ajudar a democratizar a produção de conteúdo, permitindo que mais pessoas participem da construção dessa memória, criando novas camadas de significados culturais e históricos.

4. **Criação de Conteúdos Educativos e Experiências Imersivas:** Ferramentas de IA também são capazes de criar experiências imersivas que fazem a memória coletiva ser vivenciada de



maneira mais intensa. Por meio de realidade aumentada (RA) e realidade virtual (RV), a IA pode recriar eventos históricos ou contextos culturais, permitindo que as pessoas "vivenciem" momentos do passado de maneira mais interativa. Isso pode ser aplicado tanto em contextos educacionais quanto em museus e espaços culturais, tornando a memória coletiva mais acessível e tangível.

5. **Análise Crítica e Curadoria Digital:** Outra contribuição importante das ferramentas de IA para a memória coletiva é a sua capacidade de análise crítica. Algoritmos podem identificar padrões, tendências e discrepâncias nas narrativas históricas, auxiliando pesquisadores e curadores na construção de um entendimento mais plural e inclusivo da memória coletiva. Isso também pode auxiliar na identificação de falsificações ou distorções históricas, promovendo uma memória mais fiel e honesta.



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA](#)

**Desafios e Considerações Éticas:** Entretanto, o uso de IA na memória coletiva também envolve desafios. A automação na curadoria e preservação da memória pode resultar em um processo de seleção e remoção de conteúdos, que deve ser gerido com responsabilidade, para evitar distorções e vieses ideológicos. Além disso, a dependência de tecnologias baseadas em IA pode levantar questões sobre a "autoria" e a "propriedade" do conhecimento gerado.

A memória não pode ser tratada meramente como um arquivo de imagens, lembranças e impressões, mas sim de representação do passado por meio de uma reflexão. Indubitavelmente, porém, qualquer produção memorável será sempre uma deformação do passado, pois uma condição do lembrar é esquecer. O tempo e o espaço são determinantes para elaboração de pontos de vista, contextos e perspectivas, mas também, no caso específico da elaboração de conteúdos que fazem parte da memória coletiva, o que realmente interessa é a reelaboração dessa memória por meio de imagens consolidadas na memória coletiva e a adaptação ou enquadramento da mesma para consolidar o discurso que se quer afirmar no presente.

Em suma, as ferramentas de IA generativas têm o potencial de fortalecer e expandir a memória coletiva, tornando-a mais acessível, rica e dinâmica. No entanto, esse potencial deve ser manejado de maneira consciente e crítica, para garantir que a IA não apenas preserve, mas também respeite a diversidade cultural e histórica, promovendo um entendimento mais profundo e inclusivo do passado coletivo.

## **BIBLIOGRAFIA**

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 2 número 3, 1989.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.